

A “Era Lula” e a “Grande Imprensa”: crônica de uma relação viciada

Resenha: PEREIRA, Merval. *O Lulismo no Poder*. Rio de Janeiro: Record, 2010. 784 p. ISBN: 8501088978.

LATTMAN-WELTMAN, Fernando

É fácil perceber que o jornalismo brasileiro passa por uma profunda transição – senão uma autêntica crise de identidade. Basta um olhar um pouco mais acurado sobre a produção atual de nossa mídia, ou então uma maior atenção ao conteúdo de determinadas manifestações públicas de representantes do setor.

Nessa crise, ou transição, alguns veículos e jornalistas têm se destacado, não só, ou não exatamente, por sua qualidade ou talento – que em muitos casos felizes é fácil ser constatado –, mas sim pelo papel de certo modo paradigmático que vem desempenhando no sentido de redefinir os contornos da atividade em meio à turbulência da mudança.

Estes parecem ser os casos, justamente, do jornal carioca *O Globo*, e mais particularmente de seu principal comentarista político atual, o jornalista Merval Pereira.

Maior veículo da chamada grande imprensa escrita no Rio – a imprensa “formadora de opinião”, como se costuma dizer –, *O Globo* vem enfrentando os desafios, impostos pela revolução tecnológica às chamadas mídias tradicionais, com criatividade e visíveis investimentos em qualidade de texto e análise, seguindo e reafirmando tendências mais amplas, tanto no espaço quanto no tempo, de realinhamento da mídia jornal no conjunto dos meios de comunicação.

Contudo, em relação mais especificamente à cobertura jornalística da política, esse movimento em

direção à análise e à interpretação vem evoluindo ao sabor das mudanças conjunturais do tema em questão, na medida em que, como sabemos há já algum tempo, a mídia está longe de se constituir apenas em mero espectador ou analista distante dos acontecimentos. Ou seja: esse processo de redefinição do lugar próprio à imprensa escrita na economia política geral da comunicação de massas, no contexto específico de mudança de poder operada no Estado brasileiro há quase uma década, parece tornar ainda mais visíveis – ou sensíveis – as interconexões e implicações mútuas entre a mídia como instituição política e as demais organizações dessa esfera na moderna democracia, igualmente de massas.

Na liderança efetiva da linha editorial de *O Globo* – e não apenas dele, mas também de outros veículos do grupo de comunicação a que este jornal pertence –, Merval Pereira vem marcando sua atuação como comentarista com um engajamento constante e consistente no que parece ser um projeto político claro ou, melhor ainda, civilizatório. Um projeto coerente e duradouro, embasado num diálogo franco e aberto com a academia e demais setores pensantes da sociedade brasileira, mas nem por isso totalmente desprovido, talvez, de certas contradições. Digo civilizatório porque a crônica de Merval não se trata absolutamente de um caso de adoção de simples perspectiva político-partidária, mais ou menos conjuntural, e sim de uma ampla construção ideológica relativa à to-

talidade da dimensão pública da vida brasileira na democracia contemporânea.

O leitor interessado pode agora ter acesso, *in totum*, a essa produção, graças à publicação, pela Editora Record, do Rio de Janeiro, em mais de 770 páginas, das crônicas de Merval Pereira, desde a eleição de 2002, até a última, deste ano, sob o título *O Lulismo no Poder*.

Dividida primordialmente por temáticas – “do petismo ao lulismo”, “o aparelhamento do estado”, “José Dirceu e o mensalão” etc. –, cada uma organizada cronologicamente, a obra é provavelmente o melhor acesso ao padrão de imaginação jornalística predominante em nosso país, quanto aos principais significados atribuídos por importantes setores de nossas elites à atual experiência petista (ou lulista, como prefere Merval) no poder.

Nesse sentido, é importante destacar, em primeiro lugar, as dimensões especificamente discursivas da crônica jornalística como gênero literário. Merval Pereira se insere numa longa e célebre tradição de jornalismo político brasileiro, cuja transformação, na pena do jornalista, pode guardar significados históricos mais amplos, além das características de estilo e projeto que distinguem o autor de seus antecessores (e contemporâneos). Num momento em que se torna comum, entre os cronistas, certa competição a qualquer custo pela primazia do histrionismo jornalístico – algo como o direito a ocupar a cátedra “Paulo Francis” (há tempos vaga) do polemismo midiático nacional –, o texto de Merval destaca-se pela sobriedade com que aborda até mesmo o mais burlesco evento das nossas conjunturas, sem abrir mão, no entanto, de posicionar-se claramente na arena política e moral assim mobilizada (ou mobilizável).

Compartilhando do mesmo engajamento que hoje marca, digamos, a *mainstream* do nosso colunismo – mas não incorrendo nos deslizos de estilo e eventual perda do senso de ridículo que frequentemente acometem seus colegas mais afoitos –, o cronista político dos veículos da família Marinho mantém-se numa espécie de difícil equidistância: entre a busca pelo equilíbrio e a imparcialidade partidária – característica de alguns dos melhores momentos de nossa crônica, nas penas, por exemplo, de um Castellinho ou de um Villas-Boas –, e a afirmação clara de uma posição normativa, com a qual pretende exercer uma crítica suposta e eticamente superior aos atores efetivos do grande drama (ou comédia) da política nacional.

É justamente essa presunção que leva nosso autor a incorrer sistematicamente naquilo que considero seu maior equívoco – equívoco compreensível e perfeitamente perdoável, pois a crônica jornalística tem qualidades e limitações específicas –, mas que não pode deixar de cobrar seu preço político inexorável, como ilustrado claramente no título escolhido para sua coletânea: o de conferir ao que chama de “lulismo” (ou seja, ao conjunto da experiência política do exercício do poder pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010)), uma consistência e um sentido histórico unívocos. Ao tratar todos os eventos e contramarchas de um governo, de uma administração – um longo, complexo e multifacetado governo, no heterogêneo e extraordinariamente dinâmico Brasil de hoje –, como algo tão facilmente rotulável, Merval não somente corre o risco de reduzir uma realidade complexa a um conceito vago (risco comum e, de certo modo inevitável, numa atividade intelectual tão rápida e tensa como é o jornalismo profissional contemporâneo). Mas também corre o risco especificamente político de tomar como unidimensional e coerente o que é múltiplo e contraditório, como monolítico o que é fraturado, como ideológico o que é muito mais pragmático, como culturalmente consistente o que é híbrido e sincrético, como bom, ou mau – à maneira maniqueísta – o que não é necessariamente nem uma coisa nem outra, como estando, enfim, pronto e fechado aquilo que na verdade encontra-se aberto e em processo. E isto sobretudo quando se trata de um governo não findo (e que pode perdurar por longo tempo, sob nova direção).

Porém, deixando de lado esses riscos, que nenhum historiador ou cientista político mais prudentes correriam – o que, portanto, deve contar a favor da coragem do jornalista –, a leitura de *O Lulismo no Poder* é mais do que recomendável a todo aquele que se interessa pela história brasileira recente, pela política, pelo jornalismo e, mais especificamente, pelo jornalismo político. Nesse sentido, de um ponto de vista jornalístico rigorosamente técnico, o volume é indispensável a quem deseja recapitular, com riqueza de detalhes, todas as principais conjunturas políticas da chamada Era Lula. Independentemente do gosto ou inclinação partidária do leitor, está tudo ali: a epopéia do Bolsa Família, os calvários de José Dirceu e Antônio Palocci, e as polêmicas envolvendo a política externa do governo petista, entre outros enredos. Seria interessante pensar, inclusive, no caso de novas edições e na inclusão de índices temático e onomástico na obra. Isto seria muito útil para pesquisadores atuais e historiadores futuros.

No cômputo final, contudo, para além de Merval, suas qualidades e idiossincrasias, o que desfila perante o leitor é o relato exemplar e inquestionável da construção de uma narrativa específica que procura dar conta das expectativas, frustrações e perplexidades acometidas a uma parcela estratégica da sociedade brasileira de inícios do século 21 – que, correndo eu também os riscos da simplificação, chamaria de *intelligentzia* da nossa grande classe média “formadora de opinião” – diante da experiência inédita de tomada do poder, por vias institucionais democráticas, por um grupo de *outsiders* históricos, tendo à frente seu líder carismático e surpreendente.

A longa, consistente e exaustiva crônica de construção de uma relação viciada entre, de um lado, uma administração que levou ao comando da nação, ou muito próximo dele, um conjunto de atores e grupos que, em certos casos, nem sequer acreditavam ser possível fazê-lo, por meio das clássicas e amaldiçoadas instituições liberais – e que, por isso mesmo, muitas vezes se recusavam (e às vezes ainda se recusam) a assumir todas as consequências dos jogos competitivos e plurais da democracia –, e, de outro, veículos de comunicação e interlocução de grupos acostumados ao poder, uns e outros ciosos de suas prerrogativas e de seus supostos modelos de superioridade ética e institucional, desconfiando de tudo que pareça reverberar ecos passados de mobilização popular que sequer ameacem transbordar as margens do que se considera adequado ou seguro, em matéria de participação ou representação política.

Aqui talvez possa ser visto melhor o preço político a ser pago pela reiteração da crença na existência de algo que possa ser chamado de “lulismo”: o de reduzir o outro a um rótulo mais ou menos pejorativo, levando-o naturalmente a reagir de modo igual ou pretensamente monolítico a tal crítica – ou ataque –, e a se portar como um oponente consistente e igualmente sistemático: um autêntico “ismo”

em ação e reação. Assim, a profecia do cronista (e, eventualmente, de sua legião) se auto-cumprir em seu engajamento consciente e consistente diante do adversário de sua escolha e eleição: o “lulismo” surge como força ou projeto político poderoso e praticamente imbatível (pelo menos na arena eleitoral). Movimento político efetivamente consistente, como o denunciara o autor, embora talvez nunca tão efetivamente consistente quanto no enfrentamento dos oponentes e na busca e conquista de mais um mandato.

Finalmente, deve ser mencionado o modo como a crítica sóbria, porém engajada, de Merval Pereira aponta, talvez por sua consistência, para a inauguração de nova identidade jornalística de nossa imprensa e nossa mídia: aquela em que nossos veículos passam, quem sabe, a assumir desembaraçadamente uma posição ideológica – ou até mesmo político-partidária – nas arenas comunicacionais nacionais.

Não seria propriamente uma inovação histórica local, especialmente quando comparada com culturas jornalísticas de outras sociedades.

Entretanto, existem dois riscos que devem ser bem pesados e pensados por nossos jornalistas, se essa for sua escolha futura. O primeiro é o possível impacto de tal decisão na credibilidade dos nossos veículos, formados há quase meio século em outra tradição (de pretensões objetivistas e imparciais). Não creio que seja totalmente impossível conciliar os dois registros. Mas certamente será preciso repensar e repactuar os contratos de leitura hoje estabelecidos entre muitos setores importantes do público.

O segundo, porém, é incontornável. Trata-se do risco comum aos partidos na competição democrática: o de disputar, perder e ter de se conformar com o resultado.

Seja como for, justiça seja feita, poucos jornalistas brasileiros parecem estar mais preparados para esse desafio do que Merval Pereira.

Fernando Lattman-Weltman é professor e pesquisador da Escola de Ciências Sociais e História do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV). E-mail: <fernandolw@oi.com.br>.

Recebido para avaliação em outubro de 2010.
Aprovado para publicação em dezembro de 2010.

